

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons. Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

● SÃO PAULO — JULHO E AGOSTO — 1942 ●

NUM. 47 e 48



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

AVISO

A partir de 1 de Setembro, a Redação de "Resenha Musical" passará provisoriamente para a Rua Dona Eliza, 50 — Fone: 5-5971.

O presente número não é acompanhado de Suplemento Musical.

A Direção

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

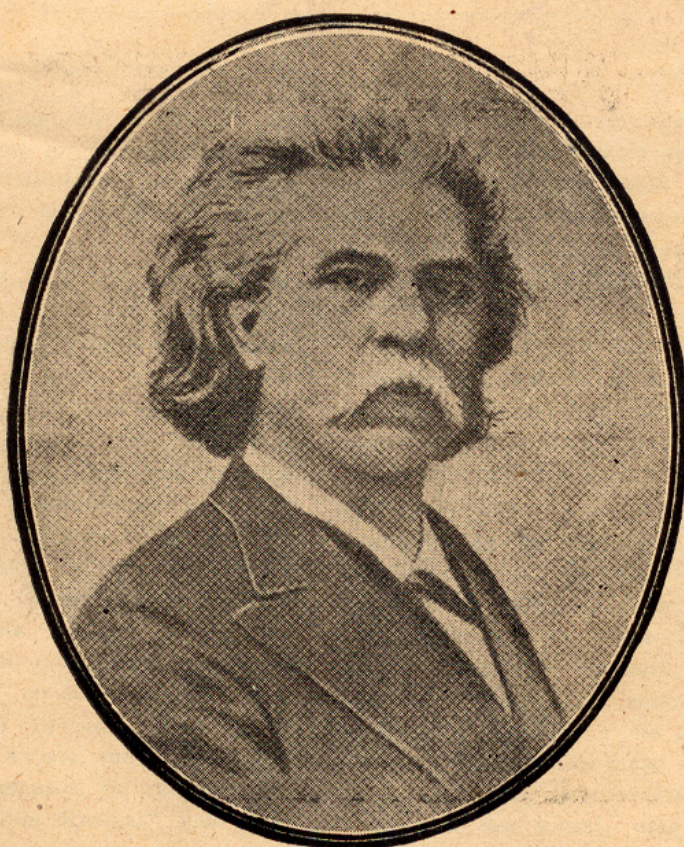
ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

Galeria dos Mestres

— II —

Querendo cortar, faça-o por esta linha



ANTONIO CARLOS GOMES

— Imortal compositor brasileiro —

— (1836 - 1896) —

"Resenha Musical"

— São Paulo —

Galeria dos Meadros

— II —



ESTADO GERAL DO BRASIL

ANTONIO CARLOS GOMES
— (1888-1889) —

— Sao Paulo —

Uma explicação necessária e o

Concurso "Columbia Concerts"

Noticiámos, no número transacto, aos nossos leitores, uma ampla reportagem sobre o Concurso "Columbia Concerts", que realizou-se no Rio de Janeiro em Junho passado.

A nossa intenção foi chamar a atenção dos nossos leitores para uma outra intenção, não a que muitos, com toda a certeza, conjecturaram. Estes muitos que nos referimos são aqueles que se comprazem com as "querelas" pessoais, com polémicas, com discórdias, etc. A estes, pois, nós respondemos com a imparcialidade, qualidade esta que tem orientado a nossa conduta dentro do turbilhão da vida musical. Explicada está esta imparcialidade ao lembrar que "Resenha Musical" não surgiu no cenário artístico para implantar ou fomentar dissídias no ambiente da família artística brasileira. Portanto, muito nobre a ação da nossa revista, muito elevada a intenção dos nossos atos. Os anos de existência da "Resenha Musical", bem comprovam, melhor ainda, as nossas palavras.

Surge, agora, o movimentado concurso "Columbia Concerts", realizado no Rio de Janeiro.

Estava incumbido de fazer a reportagem sobre o referido certame, o nosso correspondente na capital do país, sr. prof. dr. Eurico Nogueira França. Aconteceu, porém, que o sr. dr. Eurico Nogueira França foi

incumbido, também, em missão oficial, de coadjuvar o nosso ilustre amigo e brilhante colaborador, prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, em suas pesquisas folclóricas no Estado de Goiás, onde se realizaria um Congresso de Educação, do qual participaram.

Pois bem, ausente do Rio o nosso correspondente, ficou esta revista impossibilitada de dar os seus próprios informes pela abalizada pena do dr. Eurico N. França, cujos conceitos seriam os nossos próprios conceitos.

Assim é que resolvemos transcrever quase "in totum", os diversos folhetins e crônicas do dr. Andrade Murici, abalizado crítico do Jornal do Comércio, grande órgão da imprensa nacional, que acompanhou a realização do concurso desde os seus primeiros dias, a ele emprestando a sua prestimosa colaboração quer elaborando o regimento, quer prestigiando-o pelas colunas de seu jornal; uma entrevista do dr. Otávio Pinto, para "O Estado de São Paulo", anterior à realização do concurso; uma entrevista do pianista Arnaldo Estrela, após a realização do concurso, para o "Correio da Manhã", do Rio. Apenas estas, consideramos suficientes para historiar todo o assunto, embora a última não trate absolutamente do concurso.

Com estas transcrições respondemos ainda aos que desejaram que "Resenha

Musical" tomasse um rumo errado, satisfazendo apetites extravagantes.

Vão aqui, pois, as transcrições citadas:

O CONCURSO "COLUMBIA CONCERTS"

Junho de 1942

Há cerca de oito meses reuniu-se pela primeira vez, no gabinete do Diretor da Escola Nacional de Música, a comissão incumbida de organizar o concurso ao Prêmio "Columbia Concerts", oferecido a um pianista brasileiro pela Columbia Concerts Corporation.

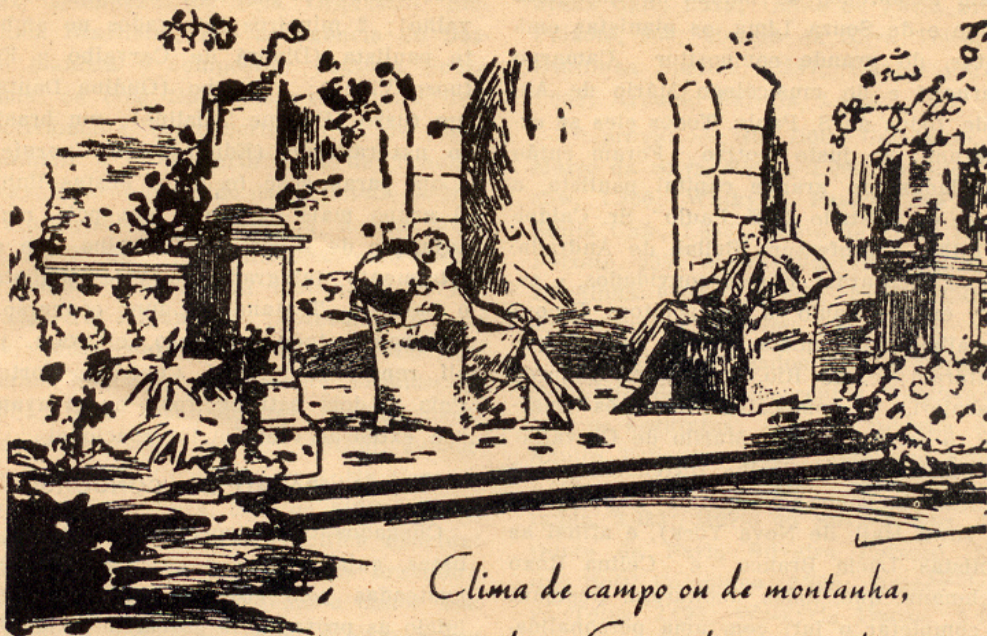
Representava esse oferecimento uma homenagem à eminente pianista brasileira Guiomar Novais, a cuja iniciativa se deveu a vinda ao Brasil do pianista norte-americano Joseph Battista, escolhido por um numeroso júri novayorkino, no qual se incluíam (*distinguished comité including*) os nomes do ilustre I. Philipp, de Sigismundo Stojowsky, Hans Wilhelm Steinberg, Mieczislaw Munz, Léon Barzin e Guiomar Novais.

Ao gesto gentilíssimo da nossa grande patricinha deve, pois o Brasil a gênese dum movimento artístico sem precedentes entre nós. Se Joseph Battista obteve notável e justificado sucesso em nosso meio, retribuíram os Estados Unidos regiamente a abnegação de Guiomar Novais incumbindo-a de mandar aos Estados Unidos um pianista brasileiro, escolhido, diz textualmente a carta do Sr. Arthur Judson, presidente da C. C. Corporation, "por justo meio". Entenderam Guiomar Novais e o compositor Otávio Pinto, seu esposo, que o justo meio era o dum grande concurso nacional. Convidaram, então, o Prof. Antônio de Sá Pereira, diretor da Escola Nacional de Música, e o redator deste folhetim, para integrarem a respectiva comissão organizadora e para constituírem o júri do concurso. Lançadas as suas bases pela imprensa de todo o país, foi a sua realização marcada para o presente mês. Começaram imediatamente as *demarches* para a formação do júri e para despertar

o interesse dos nossos numerosos pianistas jovens por competição de tamanha importância. Apesar de todos os esforços, apenas treze pianistas inscreveram-se: Rui Botti Cartolano, Mário da Silva Neves, Déa Orcioli Gervázio, Walkyria Passos, Ana Stella Chic, Odete de Faria da Silveira Peixoto, Mercês da Silva Teles, Estelina Epstein, Eunice Catunda, Arnaldo Estrella, Honorina Silva, Ivy Improta e Adolfo Tabacow.

CONSTITUIÇÃO DO JURI

Na primeira reunião, com o Professor Sá Pereira, ficou assentada a escolha de vários nomes para o júri. Em consequência fizeram-se os convites. Pela relação daqueles que se excusaram, por motivos diversos, ficará bem evidente o cuidado da Comissão organizadora em reunir muitos dos nossos máximos expoentes da arte pianística, da arte de composição, da regência, da musicologia, do ensino e da crítica musicais. Madalena Tagliaferro teria, como teve de realizar, por contrato oficial, em São Paulo, pela mesma época, o seu Curso de Interpretação e Alta Virtuositade. Maryla Jonas teria, como teve, de ausentar-se do país, para realizar uma importante *tourné* pelas repúblicas e no Chile. Tomás Terán, verificando estarem inscritos três alunos seus, excusou-se. O eminente crítico e compositor João Itiberê da Cunha preferiu julgar da sua brilhante coluna do "Correio da Manhã". Brasília Itiberê, professor oficial de Folclore musical e compositor, foi afastado por ocasional enfermidade. O grande Villa-Lobos, instado, não pôde aceitar ao convite, asoberbado pela preparação dos seus próximos e capitais concertos sinfônicos, que dele têm exigido ensaios diários, dada a importância extraordinária das obras a serem apresentadas. O compositor Mignone excusou-se, alegando princípios pessoais infensos à função de julgador. O Prof. Sá Pereira convidara o insigne compositor Fructuoso Viana, que aceitou. Convidou a



Inscrições N.ºs. 8, 11 e 14, nas 20, 40 e 50 Cins.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul estabelecida em S. Paulo desde 1912
89. RUA LIBERO BADARO

comissão, também, o eminente compositor Lorenzo Fernandez, e o crítico musical Sra. Ondina Portella Ribeiro Dantas. Estavam assentados os nomes de Antonieta Rudge e de Souza Lima, os pianistas eminentes, do grande compositor Camargo Guarneiri e do musicólogo Mário de Andrade, todos de S. Paulo. Todos eles se excusaram, por justo motivo. Foram então convidados, na grande capital paulista, o crítico do "Estado de S. Paulo", Sr. Caldeira Filho, a professora Bellah de Andrade, que se excusaram. Foram convidados, a seguir, em S. Paulo, a compositora Dinorá Carvalho e o pianista Alonso Anibal, que aceitaram; e, no Rio, o maestro Eduardo Guarnieri, o compositor Radamés Gnattali, o crítico e prof. Murilo de Carvalho, a pianista Noemi Coelho Bittencourt (que realizara, há pouco dois recitais importantes no Town Hall, de Nova York), e afinal as pianistas Lúcia Branco e Celina Roxo Eschmann, que, todos, aceitaram. Desejando completar o juri com uma personalidade estrangeira ilustre, inteiramente alheia ao meio, o meu colega Itiberê da Cunha, consultado, indicou, para isso, o pianista russo Eugène Taizline, que vai realizar recitais dentro em breve, o qual, convidado, gentilmente aceitou. O Professor Agnello França, diretor interino da Escola Nacional de Música, convidado instantemente, excusou-se. A pianista Maria Amélia de Rezende Martins não pôde aceitar o convite que lhe foi dirigido. A ilustre pianista e catedrática jubilada da Escola Nacional de Música, Alcina Navarro de Andrade, apesar de cruelmente atingida por luto recente, acedeu ao sacrifício, pela arte musical, e pela sua terra, de tomar parte nos trabalhos de julgamento.

A lamentável ausência de nomes de luminares, como os de Villa-Lobos, Antonieta Rudge, Madalena Tagliaferro, Souza Lima, e outros, fica, assim, explicada, bem como a de maior número de juizes paulistas. Constituído definitivamente o juri faziam parte 4 paulistas de nascimento (Guiomar Novais, Otávio Pinto, Alonso

Anibal e Lúcia Branco); 4 cariocas (Lorenzo Fernández, Alcina Navarro, Noemi Coelho Bittencourt e Celina Roxo); 2 gaúchos (Radamés Gnattali e Murilo de Carvalho); 2 mineiros integrados no ambiente paulista (Dinorá de Carvalho e Fructuoso Viana); 1 baiano (Ondina Dantas); um russo (Eugène Taizline); um brasileiro naturalizado (Eduardo de Guarnieri); e um paranaense (o autor destas linhas). O grupo mais numeroso era pois, com a adição de Dinorá de Carvalho, que está totalmente integrada na vida paulistana, o paulista. Tratando-se dum concurso interessando toda a Nação, estavam, pois, ali, representados Sul, Centro e Norte do País, e dois estrangeiros acentuavam a sua extensão também internacional.

REALIZAÇÃO DO CONCURSO

Chegados os concorrentes e juizes paulistas, cuja viagem e cuja estadia foram custeadas pelo governo paulista, tiveram início as provas a 15 do corrente, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música. Não compareceram os inscritos Déa Orcioli, Gervázio, Honorina Silva e Ivy Improta. Nos primeiro e segundo dias os concorrentes tocaram duas vezes cada um, de uma delas executando a peça mais extensa dos programas apresentados, e de outra um grupo de vários estilos. No 3.º dia executaram: uns, de acôrdo com decisão do juri, o 1.º tempo de um concerto para piano e orquestra, outros um concerto de execução ininterrupta, e apenas a concorrente Estelinha Epstein um concerto inteiro, acompanhados, todos, por um 2.º piano. Após essa prova o juri, que vinha consignando notas de julgamento diárias, procedeu ao escrutínio das mesmas, sendo escrutinadores as Sras. Ondina Dantas e Noemi Bittencourt e o maestro Eduardo de Guarnieri. Foram então proclamados finalistas, os pianistas Arnaldo Estrela e Adolfo Tabacow, de acôrdo com o resultado do escrutínio, constante de quadros anexos à ata dos trabalhos. No dia seguinte, o pianista Arnaldo Estrela, rea-

lizou às 17 horas, um recital individual, e o pianista Adolfo Tabacow às 21 horas. No domingo, 21, às 10 horas, no Teatro Rex, acompanhados pela Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do ilustre pianista e compositor paulista Souza Lima, os dois finalistas executaram, respectivamente, o Concerto n. 2, de Rachmaninoff e o Concerto n. 1 de Tchaikowsky. À tarde no salão da biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, à rua México, 90, 7.º andar, gentilmente acolhido naquela benemérita instituição, o juri procedeu ao julgamento, conferindo, por dez (10) votos contra seis (6) o prêmio "Columbia Concerts" ao pianista Arnaldo Estrella. Esse resultado foi imediatamente radiotelegrafado ao Sr. Arthur Judson, presidente da Columbia Concerts Corporation, de Nova York, com os vivos agradecimentos do juri pela magnífica oportunidade oferecida a um pianista brasileiro. Secretariou o concurso, com a maior assiduidade e dedicação, o Sr. Miécio Tolentino da Costa, secretário da Escola Nacional de Música.

OS ESCRUTÍNIOS

Tendo a Sra. Guiomar Novais e o Sr. Otávio Pinto investido um juri de autoridades musicais, integrado por pianistas, compositores, professores, musicólogos e críticos musicais, nos poderes de julgamento dos concorrentes e escolha do pianista brasileiro a quem seria conferido o extraordinário Prêmio "Columbia Concerts", manifestou-se aquele comitê por meio de três votações preliminares, secretas, escrutinadas no terceiro dia (17, de Junho p. findo). Da respectiva ata consta o resultado daquele escrutínio, que passo a discriminar:

1.ª prova: — Rui Botti Cartolano, 960; Mário da Silva Neves, 985; Adolfo Tabacow, 1.400; Walkyria Passos, 785; Ana Stella Chic, 1.101; Odete de Faria Silveira Peixoto, 980; Mercês da Silva Teles, 820; Estelinha Epstein, 1.236; Eunice Catunda, 1.080; Arnaldo Estrella, 1.406.

2.ª prova: — Rui Botti Cartolano, 830; Mário da Silva Neves, 940; Adolfo Tabacow, 1.350; Walkyria Passos, 705; Ana Stella Chic, 1.218; Odete de Faria Silveira Peixoto, 900; Mercês da Silva Teles, 885; Estelinha Epstein, 1.287; Eunice Catunda, 1.000; Arnaldo Estrella, 1.490.

3.ª prova: — Rui Botti Cartolano, 910; Mário da Silva Neves, 1.000; Adolfo Tabacow, 1.300; Walkyria Passos, 955; Ana Stella Chic, 1.353; Odete de Faria Silveira Peixoto, 935; Mercês da Silva Teles, 990; Estelinha Epstein, 1.338; Eunice Catunda, 953; Arnaldo Estrella, 1.530.

Os totais, verificados apenas para a escolha de dois concorrentes finalistas, foram os seguintes: Arnaldo Estrella, 4.426; Adolfo Tabacow, 4.050; Estelinha Epstein, 3.861; Ana Stella Chic, 3.672; Eunice Catunda, 3.033; Mário da Silva Neves, 2.925; Odete de Faria Silveira Peixoto, 2.815; Rui Botti Cartolano, 2.700; Mercês da Silva Teles, 2.695; Walkyria Passos, 2.445.

As cédulas, não assinadas, garantiram a inviolabilidade do segredo da votação. O resultado desta indicou os concorrentes Arnaldo Estrella e Adolfo Tabacow para prosseguirem nas provas até final.

Em toda votação secreta, como acontece com as eleições governamentais, o resultado numérico não é secreto. Secreto é o voto de cada votante. O juri, sob proposta da Sra. Ondina Dantas (D'Or), concordou, entretanto, em adotar o regime de voto assinado e declarado, para a votação final. Assinadas todas as cédulas, e lidas pelos escrutinadores, foi o seguinte o resultado, conforme à ata dos trabalhos, por todo o juri subscrita: — votaram em Arnaldo Estrella: Guiomar Novais, Alcina Navarro, Noemi Coelho Bittencourt, Muri-lo de Carvalho, Lorenzo Fernández, Radamés Gnattali, Eduardo de Guarnieri, Andrade Muricy, Eugène Taizline e Fructuoso Viana; — votaram em Adolfo Tabacow: Lúcia Branco, Dinorá de Carvalho, Ondina Portella Ribeiro Dantas, Celina Roxo, Alonso Anibal e Otávio Pinto.

SANCIONADA A DECISÃO

Concurso de natureza privada, e concedidos ao juri poderes inapeláveis, a decisão era, por si, mesma, definitiva.

O voto de Guiomar Novais, participando da cifra vencedora, assumiu a significação dum verdadeiro ato sancionador. O prêmio fôra instituído em homenagem a essa eminente artista, retribuição gentil ao gesto que criara o Prêmio Guiomar Novais. Só dela dependeu o modo de seleção do pianista brasileiro que irá retribuir a visita de Joseph Battista. O voto dos membros do juri era livre. Guiomar Novais poderia, pois, ter sido voto vencido, como foram outras ilustres personalidades. O seu voto foi, porém, vencedor.

AS PROVAS

A falta de espaço força-me à maior concisão. Aquí fica, pois, um brevíssimo registro das interessantes **performances dos concorrentes**.

1.º Dia — Arnaldo Estrella, designado pela sorte para iniciar as provas, interpretou a Sonata, de Liszt. Finura e variedade do **toucher**; fraseado justo e sensível; técnica límpida, dominada.

Mercês da Silva Teles executou um grupo de obras: Prelúdio, de Bach; 1.ª parte da Sonata, op. 35, de Chopin; Sugestões diabólicas de Prokofieff. Sem rigor estilístico, técnica por completar; mas inteligente, cheia de intuições. Dá uma **allure** esportiva às suas execuções. Temperamento **expansivo**.

Ana Stella Schic interpretou a Sonata em Ré maior, de Mozart, e o Scherzo em Dó sustenido, de Chopin. Momentos muito reveladores, sobretudo na peça de Mozart. Vale sobretudo como "qualidade" do seu senso interpretativo, de mérito mais acen-tuado ainda, nas provas posteriores.

Mário da Silva Neves executou a Sonata de Liszt. Esse artista, que se houve com discrição e dignidade de atitudes no concurso, tem uma maneira espetacular,

uma energia, um domínio do teclado que, como sempre tenho observado, estão exigindo disciplina espiritual e melhor aproveitamento do seu irrecusável dinamismo. A sua arte carece de refinamento; precisa nela introdúzir o detalhe delicado, a nuance sensível. A sua impetuosidade natural deverá ser transmutada, por uma sublimação do sentimento, na verdadeira bravura, que representa um senso exaltado, porém, harmonioso do heroísmo.

Estelinha Epstein deu-nos uma Sonata Aurora, de Beethoven, límpida, fluente, cariciosa, toda em sonoridades brancas e cristalinas. Bastaria isso para indicar que não encontramos ali o poderoso Beethoven, másculo, ardente, vigoroso até nos seus raros momentos de graça e de alegria. A sua execução revelou virtudes manifestas de pianista: extrema facilidade, nitidez incomum, uma elegância ágil, por vezes, um pouco amaneirada. Uma certa irreflexão, uma como graciosa meninice esquivaram, ali, o sentido profundo da obra.

Rui Botti Cartolano apresentou uma Sonata "ao luar", de Beethoven, desproporcionada e um pouco informe. Pedalização irregular. O **allegretto** foi dado fora do caráter daquela página traíçoeira, que parece fácil, "flôr entre dois abismos". A vizinhança dos "abismos" deve, entretanto, sentir-se nela. Não é indiferente que a flor esteja num prato, ou num alpe, a três mil metros de altitude... O final foi expresso com excessiva violência. As qualidades desse pianista, titular do Prêmio Pró-Música, são inegáveis. Adquirirá maior domínio dos seus recursos naturais, que são invulgares.

Odete de Faria Silveira Peixoto executou, com um **toucher** sensível, e uma técnica precária, a Ballada em Si menor, de Liszt.

Adolfo Tabacow executou Scarlatti e o seródio **Moto perpetuo**, de Weber, com a sua extraordinária, rara agilidade manual, e grande nitidez; com brilho e vigor a Marcha Militar, de Schubert — Tausig. Mãos excelentes, vigor, agilidade natural, são os



GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO

NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS.
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30

SEGUROS DE VIDA

na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida

Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar

SÃO PAULO

dotes predominantes desse artista, que foi precoce, e que era já bastante e favoravelmente conhecido entre nós, tendo realizado recitais, aqui, e vencido o concurso ao Prêmio Carlos Wehrs.

Eunice Catunda executou a **Chaconne**, de Bach-Busoni. Arte apenas indicada; inteligente; fina orientação cultural afirmada pelos belos programas que apresentou. Realização técnica por desbastar, completar, e afinar.

Walkyria Passos esboçou a Sonata Aurora, de Beethoven. Muito juvenil ainda: apenas uma aluna adiantada.

2.º Dia — Eunice Catunda executou o Estudo em oitavas, de Chopin; a Toccata, de Ravel; "Mefisto-Valsa" de Liszt. Como no primeiro dia.

Estelinha Epstein ofereceu uma linda Sonata em Dó maior, de Galuppi, numa agradável sonoridade dourada, sua melhor realização naquela prova. Um Impromptu, de Chopin, dado sem a adequação de espírito necessária. Aquele lindo vocalise, de Ravel, peça em forma de Habanera, muito bem. Em seguida, numa unilateralidade do gênero proveniente da sua feição pianística natural, três peças velozes e brilhantes; Estudos, de Bartkiewicks; **Le vol du Bourdon**, de Rimsky-Korsakoff; e um Estudo, de Liszt.

Adolfo Tabacow teve, ali, a sua melhor prova, com a sua primeira execução dos Estudos sinfônicos, de Schumann. Execução correta, se excluirmos algumas indecisões rítmicas. Algumas variações, muito felizes. No conjunto, vigor, ênfase, cor pouco variada; muito adstrito à matéria, e aos efeitos a todo custo; e, sempre, velocidade e facilidade natural.

Mário da Silva Neves executou: Prelúdio da Cantata 146, de Bach, (um pouco fora do estilo); Rapsódia em Sol menor, de Bráhm; "L'isle Joyeuse", de Debussy.

Ana Stella Schic, deu-nos o Prelúdio e Fuga em Lá menor, de Bach-Liszt, transcrição um pouco vasia, que exige sonoridades muito estudadas. Elas lhe faltaram. Os seus melhores momentos foram os Can-

tos russos de Liandoff-Silotti as peças *Legenda dos pássaros*. Eu dansei com um mosquito, *Berceuse* e *Dansa*. Expressos com um estilo que já se vai definindo com felicidade, e com uma sensibilidade que se sabe controlar e de que saberá tirar proveito. Uma das mais significativas revelações do concurso.

Walkyria Passos executou: Noturno, de Chopin; "**La vallée des cloches**", de Ravel; **Minstrels**, de Debussy; *Dansa de negros*, de Fructuoso Viana. Insuficientemente.

Odete de Faria Silveira Peixoto interpretou aquela transcrição do Choral "Jesus, alegria dos homens", de Bach, que Guiomar Novais exterioriza de modo tão fino e impressivo. Em seguida "Alma brasileira", e "Vamos atrás da serra", de Villa-Lobos; "Cordoba", de Albéniz, e *Dansa do moleiro*, de Falla, com a sua técnica meia-força e a sua compreensão amadorística.

Arnaldo Estrella, após a Rapsódia em Sol menor, de Brahms, dada com certa inquietação, deu as suas melhores realizações daquela fase inicial do concurso, interpretando as deslumbrantes "Impressões seresteiras", de Villa-Lobos, e **Feux d'artifice**, de Debussy. Numa e noutra, Arnaldo Estrella demonstrou o perfeito domínio duma arte superior, requintada, matizada com admirável finura, mas sobretudo um senso musical específico, essa musicalidade por vezes ausente até em personalidades célebres, os Misha Elmann ou os Simon Barer, e que, entretanto, é o signo distintivo do verdadeiro artista-músico. A sua sensibilidade refinada condu-lo às sonoridades imprevistas, mas justamente graduadas, a uma policromia do gosto mais seguro e aristocrático. A sua rítmica é impecável, incisiva, eficaz; o seu estilo, duma inteligência e dum acerto raros. **Feux d'artifice**, sobretudo, é, como toca, verdadeira criação sua, digna de ser gravada e conservada: uma dosagem dinâmica original, perfeita, faz da sua interpretação qualquer coisa de raro e precioso.

Mercês da Silva Teles interpretou *Prélúdio. Aria e Variação*, de César Franck; *Mouvements perpétuels*, de Poulenc; • *Funerailles*, de Liszt. Sem novidades, relativamente à 1.^a prova.

Rui Cartolano executou: *Scherzo*, op. 31, e o *Estudo*, chamado "revolucionário", de Chopin; *Malagueña*, de Albéniz, e *Dansa de negros*, de Fructuoso Viana. O seu problema básico é ainda o mesmo: dominar a sua tendência para uma dura impetuosidade.

ÚLTIMAS PROVAS

No dia 17 de Junho p. passado realizaram-se as últimas provas preliminares. À tarde e à noite, naquela data, os concorrentes executaram, acompanhados por um segundo piano, uns, um tempo de concerto para piano e orquestra, outros, inteiro um concerto a ser executado sem interrupção, e um deles, uma peça para piano e orquestra. Abriu a série a senhorinha Walkyria Passos, que interpretou o Concerto em Lá maior, de Liszt, no segundo piano o distinto pianista, radicado em São Paulo, Sr. Fritz Jank.

Rui Cartolano interpretou o 1.^o tempo do Concerto em Mi-bemol, de Liszt. Esse concerto executa-se sem interrupção, mas o Sr. Cartolano não quis usar da autorização para executá-lo inteiro. Já o ouvimos, nesse mesmo concerto, há tempos, com a orquestra da Pró-Música. No 2.^o piano, o Sr. Fritz Jank. Adolfo Tabacow executou ainda com o sr. Jank, o 1.^o tempo do Concerto em Si-bemol, de Tchaikowsky. A Sra. Odete de Faria Silveira Peixoto executou o Concerto em Dó Sustenido menor, de Rimsky-Korsakoff, com Mário de Azevedo no 2.^o piano. Mário Neves interpretou o Concerto em Lá maior, de Liszt. Já o ouvimos, nesse concerto, acompanhado pela Orquestra Villa-Lobos, e, mais tarde, a 2 pianos, acompanhado pela sua irmã. Ana Stella Schic interpretou o 1.^o Concerto, de Beethoven. Mercês da Silva Teles deu-nos as variações sinfônicas, de Cé-

sar Franck. Arnaldo Estrella interpretou, com Ana Candida de Moraes Gomide, o 2.^o Concerto, em Dó menor, de Rachmaninoff. Eunice Catunda, secundada por Lucy Lion, deu-nos o 1.^o tempo do Concerto, op. 11, de Chopin. Estelinha Epstein executou integralmente o Concerto em Sol menor, de Mendelssohn, acompanhada pela pianista Iolanda Arruda.

Essa prova foi das menos concludentes. Nem se tratava de obras rigorosamente a dois pianos (o 2.^o piano sendo, nela, simples redução da orquestra), nem ela permitia aferir a habilidade dos concorrentes no trato da música concertante. No geral, nenhum dos concorrentes foi favorecido por essa prova, que, também, a quase nenhum prejudicou. Só seria realmente eficiente com orquestra. Entretanto, mereceram menção especial Arnaldo Estrella, Ana Stella Schic e Estelinha Epstein, que obtiveram as três primeiras colocações, e naquela ordem, no escrutínio da votação daquele dia.

No dia 19, às 16,30 horas, o finalista Arnaldo Estrella desempenhou-se da prova "execução de um programa de recital". Seis obras de Brahms integravam, com a Sonata em Si menor, op. 58, de Chopin, a 1.^a parte. O lirismo interiorizado, o intimismo tocante, personalismo, insinuante, do último dos grandes românticos, foi expresso por uma alma muito afim com a sua, identicamente recatada e delicada. A grande Sonata, de Chopin, Arnaldo Estrella já a interpretara em condições mais favoráveis de serenidade. Estruturou-a, porém, mesmo dessa vez, com o seu habitual senso de logicidade e o seu fino gosto. O Largo, sobretudo, foi um momento de arte da mais alta classe.

Na segunda parte, Arnaldo Estrella realizou um breve mas substancial, recital de música brasileira moderna. O sóbrio e vigoroso "O Protetor Exú", de Brasília Itiberê beneficiou duma bela interpretação contrastada. O "Acalanto da saudade", de Lorenzo Fernández, foi um momento de pura poesia. A 1.^a Valsa da Esquina,

de Mignone, estufou e rebrilhou, como prata líquida, entre os dedos do recitista.

Os três números finais tiveram interpretação decisiva e valeram pela consagração do concorrente finalista. "Impressões seresteiras", de Villa-Lobos; "Almeria", de Albéniz; e *Feux d'artifice*, de Debussy constituíram verdadeiras criações nas mãos de Arnaldo Estrella. Dignas de serem gravadas em disco. "Impressões seresteiras" é uma página brilhante, virtuosística. O sentimento que a domina é, porém, irresistível, para os brasileiros. Aquela valsinha seresteira, que lhe dá a principal substância, não pode ser ouvida com indiferença, entre nós. Não que seja de pureza total, nem que represente aquilo que de mais elevado possuímos na nossa música típica. Não vale, porém, discutir: ela nos invade a sensibilidade inevitavelmente e cria em nós um sentimento familiar indizível. Os traços virtuosísticos, suntuosos, as demasias de efusão, são também explicáveis, e isso pela ênfase, pela simpática pacholice do seresteiro carioca, educado nas proximidades contagiantes da ópera italiana. Arnaldo Estrella matiza essa obra, manifestamente destinada à mais ampla popularidade, com uma riqueza, uma sensibilidade, uma pujança admiravelmente dosadas. Toda a sua dinâmica é, ali, de preciosa qualidade. *Feux d'artifice*, de Debussy, recebe de Arnaldo Estrella uma interpretação de mestre. Qualquer público do mundo (não costumo baratear essa expressão), compreender-lhe-á o valor excepcional. As tonalidades gerais são dum cristal mate, sedoso, cortadas de irisações repentinas, como uma filigrana luminosa, sutil, aérea: interrompidas por bruscos recuos da superfície sonora que fazem sentir a profundidade da noite festiva de verão.

.....

Às 21 horas do mesmo dia, o finalista Tabacow interpretou um programa brilhante, menos invulgar do que o do seu

antagonista. Duas Sonatas, de Scarlatti, e o Moto Perpetuo, de Weber, deram oportunidade para evidenciar a sua excepcional, rara facilidade digital, a sua vertiginosa velocidade inata. No Moto Perpetuo, sobretudo, essa facilidade indica-lhe um rumo sedutor mas perigoso, à Simon Barer. Aquela *haute voltige*, de que falava Lenz há cem anos, não é um ideal, nem mesmo uma finalidade. Os mais estupefacientes jogos malabarísticos surpreendem, de começo; interessam a nossa propensão para admirar as dificuldades vencidas; depois fatigam. Madalena Tagliaferro, num dos seus cursos parisienses (por mim aqui na ocasião comentados), publicados no "Le Monde Musical", tem página admirável a respeito da sedução da velocidade e da agilidade, pela velocidade Tabacow tira resultados infalíveis desse seu dom natural, que enche de estupefação e inveja tantos magníficos artistas cuja facilidade é menor, e precisa ser laboriosamente cultivada. Os "Estudos Sinfônicos", de Schumann, foram exteriorizados, dessa vez, com menos interesse. As irregularidades rítmicas foram frequentes. A penúltima variação foi, duma inebriante e estática poesia, foi expressa de modo exterior. Algumas daquelas geniais variações foram dadas dentro da boa tradição, sobretudo a última, que beneficiou do vigor do pianista, que já lhe permitira o êxito (o melhor que teve) da sua execução da Marcha Militar, de Schubert-Tausig. A segunda parte, dedicada a Chopin não acrescentou nada aos seus títulos. Prefiro um Chopin irregular a um Chopin exterior. A terceira parte foi iniciada com a única peça brasileira do seu programa, a mesma com a qual ganhou, há anos, o prêmio Carlos Wehrs. Não se trata, sequer, duma obra original, mas duma simples redução, pouco pianística, aliás, e bastante vasia do Batuque, da Suite Brasileira, de Nepomuceno. O momento culminante do recital chegou após essa página pouco representativa da nossa literatura pianística, com a execução extraordinária que Tabacow deu

na *Danse d'Olaf*, de Pick-Mangiagalli, peça dum músico contemporâneo, porém não "moderno". Essa obra (de que Roberto Tavares deu, há anos, a 1.^a audição entre nós) parece feita para pianistas de digitação vertiginosa. Tabacow esteve, nela, perfeitamente à vontade. Houve-se, ali, com brilhantismo realmente incomum, como o virtuose inato que é. Falta-lhe, talvez, apenas, deixar a mão em posição mais natural, submetendo os dedos a flexão menos forçada, elevando a mão e não levantando tanto as primeiras falanges, para comunicar à sua percussão um som mais redondo e menos lantejoulado. "A Caça", de Paganini-Liszt, e a "Rapsódia" n. 12, de Liszt, encerraram as brilhaturas do jovem finalista, que poderá ser, amanhã, um grande pianista, dadas as suas inegáveis qualidades naturais, se meditar mais sobre a sua arte, e se se convencer de que rapidez e força diferem muito do sentimento da verdadeira bravura. Velocidade e força são elementos materiais de expressão, mas a bravura é um "sentimento", que tais elementos podem ou não exprimir. Velocidade e força nem sempre exteriorizam a feição que, em psicologia, se chama "temperamental". Temperamento pode ser brutal, heróico, desagradável, ríspido, caricioso, distraído, efusivo ou concentrado; extravertido ou introvertido. Em crítica artística abusa-se do vocábulo "temperamento". Temperamento (a palavra, etimologicamente, di-lo) é o feitio psicológico acentuado, a soma das impulsões psicológicas pessoais, formando "tipo", dando cor, característica ao artista. Tabacow não tem esse feitio inconfundível. É um pianista robusto e ágil, mas de tipo **standard**. O tempo, a experiência, poderão infundir verdadeira expressão pessoal nas suas interpretações.

Na manhã de 21 realizou-se a prova final. Os dois finalistas executaram, cada um, um concerto para piano e orquestra,

acompanhados pela Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de João de Souza Lima o eminente pianista brasileiro.

Já me externei sobre essa audição de extraordinária importância, que atraiu enorme assistência ao Teatro Rex. Estiveram presentes altas autoridades, a elite do nosso mundo musical e da sociedade carioca, e bastantes pessoas não afeitas à vida musical, mas viva e desportivamente interessadas pela competição.

A quase unanimidade da crítica (só houve uma exceção), e a unanimidade do juri (até mesmo aí incluindo aqueles que não lhe deram o voto) concordaram no mérito superior da interpretação que o finalista Arnaldo Estrella deu do Concerto n. 2 de Rachamaninoff, admiravelmente escrito para o piano pelo mais completo e brilhante pianista vivo, que soube não prejudicar com o virtuosismo, por vezes excessivo, do gênero, a musicalidade sedutora da emoção, expressa em esplêndidas e comunicativas melodias.

Aplaudido durante mais de 15 minutos, aquele finalista foi substituído, na 2.^a parte, pelo seu colega Adolfo Tabacow, que executou o Concerto em Si-bemol, de Tchaikowsky. Brilhantíssimo, o mais brilhante de todos, esse concerto, também admiravelmente escrito para teclado, e por um mestre sinfonista que não deixou bagagem propriamente pianística, o Concerto de Tchaikowsky, como, no geral, toda a sua música, agrada imediatamente as massas, o grande público, apesar de frequentemente beirar pela vulgaridade, o clichê, a frase-feita, o lugar-comum. E talvez por isso mesmo, Tabacow, apesar do público estar bem predisposto pela natureza acessível da obra, não se apresentou com o seu habitual desembaraço, e não conseguiu dar uma versão escorreita do Concerto. Manifesta insegurança rítmica, comprometeu a economia concertante da obra e embaraçou, por vezes, a própria regência, pondo à prova a segurança de direção do insigne mestre paulista. Só a paixão ou a ignorância da obra poderão ter

Visitem a nossa secção de TAPEÇARIA

Cortinas — Tapetes — Moveis

Preços Economicos

PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254

S. PAULO

RUA QUITANDA, 157

SANTOS

**Suportes
Siebner**

ORTOPEDISTA

Flexibilidade

Carateristico
dos nossos suportes
Um alivio para o
mal-estar dos seus pés.

**RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089-S. PAULO**

MARIA PAGANO BOTANA

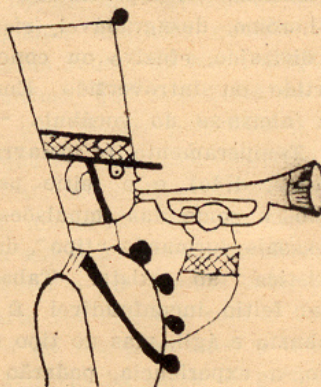
PROFESSORA DE PIANO

Rua Clélia, 902 — S. Paulo

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —

(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos
batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA
MUSICAL” ou às melhores casas de
— música —

iludido aqueles que julgaram haver Tabacow tocado bem aquele Concerto. A meridiana verdade é que a superioridade do seu antagonista, naquela prova sobretudo, foi irrecusável, e decidiu do resultado. Tabacow foi ovacionado, após essa **performance** insuficiente, com jubilosa alegria esportiva, por uns; com furor passional típico, por outros; cortezmente por todos os demais.

Na noite de 25, Arnaldo Estrella irradiou para todo o Brasil, do estúdio da Rádio Nacional, e na presença de Guiomar Novais e outras altas personalidades da música, aquele mesmo Concerto, de Tchaikowsky. Fê-lo de maneira deslumbrante, perfeita, concludente.

O PATROCÍNIO OFICIAL

O Sr. Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, concedeu o patrocínio oficial do seu Ministério ao importante prélio, pondo à disposição da Comissão organizadora o Salão Leopoldo Miguez durante uma semana inteira, concedendo um auxílio para a sua realização com a aprovação do Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, e fazendo-se representar pelo seu secretário, Dr. Antônio Leal da Costa, no concerto sinfônico de encerramento das provas.

Especialmente convidados compareceram àquele concerto o Exmo. Sr. Jefferson Caffery, Embaixador dos Estados Unidos, e a diretoria do Instituto Brasil-Estados Unidos.

* * *

Uma entrevista concedida ao "O Globo", ante ontem, mencionava que "em São Paulo, nós já sabíamos que o concurso fôra aberto para premiar Arnaldo Estrella".

Ora, Guiomar Novais não estava obrigada a fazer realizar o concurso. Poderia ter feito conferir o prêmio por um simples comitê, independentemente de provas; ou examinar os concorrentes ela própria. Pre-

feriu, porém, a plena publicidade e a liberdade de concurso.

O nome de Arnaldo Estrella surgiu inicialmente por um único motivo: acabava de obter um êxito extraordinário, com um recital magnífico, na série oficial da Escola Nacional de Música, realizada na presença de grandes pianistas de renome mundial, como Miécio Horzowsky, Madalena Tagliaferro, Maryla Jonas e, por feliz coincidência, na do titular do Prêmio "Guiomar Novais", Joseph Battista. Como o Sr. Otávio Pinto indagasse dos valores da nova geração pianística- o nome de Arnaldo Estrella apresentou-se naturalmente, e foi mencionado pelo prof. Sá Pereira, com a minha concordância, como o de um artista nas perfeitas condições de representar o Brasil nos Estados Unidos.

Dai, a ter-lhe sido conferido o prêmio previamente, vai um abismo. Resolvida a abertura do concurso ninguém poderia prever a qualidade dos futuros concorrentes. Seria preciso, aliás, para garantir o prêmio a determinado candidato, excluir do concurso possíveis antagonistas perigosos, e entretanto a inscrição esteve livremente aberta durante longos meses; ou constituir o júri com pessoas despidas de personalidade e de dignidade.

Tal afirmativa, se autorizada, feriria em cheio a honorabilidade de dezesseis personalidades representativas, de ilibada reputação, e diretamente a eminente artista Guiomar Novais.

O fato de se falar em Arnaldo Estrella insistentemente apenas depõe em favor do relêvo que o seu mérito tomara já, entre nós, que as provas e o vereditum final vieram confirmar.

Também nada indicava que fosse necessário um júri composto de representações proporcionais de São Paulo e do Rio. O segundo colocado, Sr. Adolfo Tabacow, recebeu dum júri carioca, por prêmio, em disputado concurso, um piano, o mesmo acontecendo com o Sr. Rui Cartolano em concurso promovido pela Pro-Música, e de cujo júri fiz parte.

Demais, não se tratava de um concurso entre Rio e São Paulo, mas entre brasileiros.

Muitos paulistas ilustres foram convidados para o juri. Porque não vieram? Não foi por culpa da comissão. E, se se tratava de "paulistas", porque vir de lá a Sra. Dinorá de Carvalho, que é mineira? E aqui foi convidada a Sra. Lúcia Branco, que é paulista, mas aqui vive.

Demais a informação prestada ao "O Globo" está errada. Não havia "dois" paulistas no juri, mas "quatro"; como demonstro no meu folheto de hoje; e não havia "dezesseis" cariocas, mas "quatro".

* * *

O CONCURSO "COLUMBIA CONCERTS" E A ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA — Fazia parte da Comissão Organizadora, e colaborou na organização do juri e do regulamento, o professor Antônio de Sá Pereira, diretor efetivo da Escola Nacional de Música.

O único concorrente saído da Escola era o Sr. Arnaldo Estrella, 1.º prêmio, medalha de ouro, atual detentor do Prêmio "Columbia Concerts".

Foi convidado para o juri o professor Agnelo França, diretor interino.

Funcionou como secretário o secretário da Escola, Miécio Tolentino da Costa.

Realizaram-se no salão nobre da Escola todas as provas, menos a última.

Do juri faziam parte: o professor catedrático Lorenzo Fernandez; a professora catedrática de piano, há pouco jubilada, Alcina Navarro de Andrade; a livre docente Lúcia Branco; o diplomado de piano, 1.º prêmio, medalha de ouro, Fructuoso Viana.

* * *

Música é arte sobre a qual todos se julgam no direito de opinar inapelavelmente... É inevitável. O gosto, porém, é suscetível de ser educado e afinado. Ora, é

preciso acentuar que não se tratava dum plebiscito. Nas altas esferas da arte, só a ampla ilustração, o espírito crítico cultivado, a longa experiência são idôneos, para decidir. Deve-se confiar na justiça refletida no veredictum. O concorrente premiado não irá aos Estados Unidos para fazer concorrência a Rubinstein, a Horowitz, a Rachmaninoff, mas para apresentar-se como um artista moço, requintado pela cultura e por um gosto feito de finura e de amor à perfeição, mas sobretudo para trabalhar e acrisolar a sua arte e a sua personalidade, que, ambas, representam bens próprios do Brasil. Já agora, todos devem, por dever patriótico, desejar que Arnaldo Estrella triunfe, que honre a nossa Pátria e se torne capaz de ainda mais enriquecer o nosso patrimônio espiritual.

Andrade Muricy

CONCURSO PARA O "PRÊMIO COLUMBIA CONCERTS"

Declarações do sr. Otávio Pinto sobre as condições e o processo desse concurso

No ano passado Guiomar Novais instituiu nos Estados Unidos um prêmio destinado a oferecer a um pianista norte-americano a oportunidade de uma excursão artística ao Brasil. Esse prêmio, que recebeu o nome da ilustre patriciã, teve o alto patrocínio da sra. Franklin D. Roosevelt e do embaixador brasileiro dr. Carlos Martins. Conquistou-o, em concurso realizado em Nova York o jovem pianista Joseph Battista, que aqui esteve em Junho último e alcançou os melhores aplausos de nossa crítica e de nosso público.

Como retribuição a essa iniciativa de Guiomar Novais e evidentemente no intuito de também incentivar o intercâmbio artístico entre os dois países, foi criado, nos Estados Unidos, o "Prêmio Columbia Concerts" para que um pianista brasileiro possa visitar aquele país e também ali

realizar uma "tourn  e" artística. Sobre este concurso, que será realizado no Rio de Janeiro, fez-nos algumas declara  es o sr. Otávio Pinto, a quem o presidente da "Columbia Concerts", sr. Arthur Judson, deu a incumbência de superintender a necessária organiza  o. O sr. Otávio Pinto fez notar que esse prêmio    de grande importancia e valor, não são pela oportunidade que oferece a um pianista brasileiro de visitar os Estados Unidos, como pelo fato de ser estabelecido por uma organiza  o poderosa como a "Columbia Concerts Corporation" — organiza  o essa que tem sob sua dire  o as maiores celebridades artísticas do momento. — Será, pois — continuou — não somente a conquista de um prêmio, porém o início de uma carreira artística no estrangeiro, conforme o sucesso que alcançar o vencedor.

O prêmio consistirá numa viagem de ida e volta aos Estados Unidos, com todas as despesas pagas pela "Columbia Concerts" e na realiza  o de uma série de concertos com as maiores orquestras americanas e um recital no "Town Hall", de Nova York, além de outros recitais em várias cidades daquele país.

O concurso, prosseguiu, está sendo organizado por uma comissão constituída dos srs. Andrade Murici, crítico musical do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro; Ant  nio de S   Pereira, diretor da Escola Nacional de Música, e eu. Os que deverão constituir o júri terão seus nomes oportunamente divulgados. Esse júri se compor   de alguns dos vultos de maior relevo em nossos meios musicais. Eis as condi  es que devem reunir o candidato: ser brasileiro nato e representar o melhor possível a arte pianística brasileira; ter idade inferior a 35 anos, na data da inscri  o; ter preparados dois programas para recitais, incluindo cada um deles ao menos uma peça de autor brasileiro e também apresentar três concertos ou peças para piano e orquestra. Esse repertório poderá ser enviado juntamente com a ins-

cri  o do candidato ou até a véspera do início das provas. As inscri  es deverão ser feitas mediante carta dirigida à Comissão Organizadora, ou a um de seus membros, e endereçadas à secretaria da Escola Nacional de Música, até o dia 25 do corrente mês, quando serão definitivamente encerradas.

Quanto ao processo a que obedecerá o concurso, disse s. s.:

— Não me    possível adiantar muito sobre o assunto, porquanto se trata de matéria ainda dependente de estudo por parte dos membros do júri. Posso, entretanto, expor o meu modo pessoal sobre a questão, e que procurarei fazer admitir pelo júri. Assim, acho que, ao apresentar-se o candidato perante os julgadores, ele próprio deverá escolher a primeira peça a executar — isto para que se desembarace e se acalme de qualquer nervosismo, muito natural em tais circunstâncias. Deverá, depois, executar uma ou duas peças,    escolha do júri, dentro dos programas apresentados. Quanto às peças para piano e orquestra, deverão ser executadas com acompanhamento de segundo piano, ficando ao candidato a incumbência de conseguir o seu acompanhador. A meu ver, creio que deveremos também facultar ao concorrente a escolha dessa peça. Justifica-se a ado  o desse critério pela dificuldade de ter o candidato ensaiadas, com acompanhador as três peças em questão. Mas é evidente que, adotado esse critério, ficará ressaltado ao júri o direito de exigir do candidato a execu  o dos demais concertos, uma vez que seja isso necessário.

Quanto ao início das provas, terminou, a data mais ou menos marcada é para a primeira quinzena de junho. Tendo, porém, recebido uma representa  o de diversos candidatos de São Paulo para que seja adiada para princípios de julho, vou comunicar-me com os demais membros da Comissão Organizadora, afim de resolver em definitivo sobre a data certa. Os candidatos receberão oportunamente notícia por carta

da data exata do início do concurso. Será, pois, conveniente que todos enviem seus endereços à secretaria da Escola Nacional de Música.

(Do "O Estado de São Paulo", 22-5-42).

"OUVINDO ESTRELLA"

O vencedor do Prêmio Columbia Concerts emite idéias originais e sutis

A importância e o ineditismo de um concurso para o estrangeiro — fosse esse concurso simplesmente "artístico" — foi quanto bastou para chamar a atenção dos nossos amadores de música para a personalidade de Arnaldo Estrella, vencedor do "Prêmio Columbia Concerts".

A curiosidade em torno do candidato vitorioso focaliza-o assim como uma espécie de "desportista", já que obteve um prêmio em competição.

Não queremos compará-lo, por exemplo, a um campeão de box, certos de que a sua façanha não tem absolutamente o mesmo prestígio, nem como repercussão, nem como valor monetário... Mas, guardadas todas as proporções, é agradável, é mesmo muitíssimo honroso, que Arnaldo Estrella, vá representar nos Estados Unidos da América a nossa jovem arte, a bela virtuosidade da nossa escola pianística e, muito especialmente, o adiantamento da nossa cultura.

Todos quiseram ouvi-lo. Mas, nós tínhamos a precedência para outra coisa, um pouco diversa, com mais pensamento e espírito.

Aproveitamos, pois, a oportunidade, para colher as primeiras impressões do herói, não propriamente sobre o concurso (isso já foi muito falado) mas sobre a arte em geral e a sua em particular.

E fomos então, não como Billac, "ouvir estrelas", mas ouvir Estrella, o que é mais interessante, porque é real.

E fizemos-lhe à queima roupa a primeira pergunta:

— Deve estar satisfeito, naturalmente, com o acolhimento do público?

E Arnaldo respondeu, com absoluta sinceridade, qualidade que, aliás, sempre o distinguia nos atos da vida:

— "Devo em primeiro lugar um agradecimento, ou antes, uma série de agradecimentos. À imprensa, de quem tenho recebido gentilezas sobre gentilezas. Ao público carioca, que durante o concurso me incentivou com os seus aplausos crescentes, os quais culminaram nas duas comovedoras manifestações que me foram feitas no domingo, na prova decisiva, e na quarta-feira última, no Teatro Municipal. À direção e aos meus colegas da Rádio Nacional, pela tocante prova de amizade de que me deram público testemunho após a irradiação do "Concerto", de Tchaikowsky, que ali executei com a orquestra dirigida por esse estupendo artista que é Romeu Ghipsman. Ao eminente maestro Souza Lima e à Orquestra Sinfônica Brasileira, pela sua eficientíssima colaboração. E, finalmente, a todos, amigos, colegas e numerosas pessoas desconhecidas, que bondosamente me trouxeram, por cartas, telegramas e telefonemas, os meus aplausos, expressos em palavras carinhosas e entusiásticas. Essas demonstrações de simpatia não me envaidecem, nem me cegam, mas constituem um incentivo que não esquecerei".

— A sua vitória também se deve tornar uma linda missão de propaganda, não é verdade? Especialmente para demonstrar a nossa cultura:

— "Mais do que a ambição pessoal de uma carreira de virtuose, o que me anima é a intenção de apresentar aos norte-americanos, tanto quanto me seja possível, o nível da nossa cultura musical e propagar, por todos os meios ao meu alcance, a música brasileira. Não quero com isto convencê-lo de que meu desprendimento vai a ponto de desprezar interesses pessoais. Trata-se apenas de um ponto de vista. Não

posso me capacitar de que um pianista se deva dar em espetáculo. O hábito de ir a recitais para ouvir os virtuosos constitui uma herança funesta do século passado, contra a qual é preciso firmemente reagir, em benefício da arte. O público deve ir aos concertos **para ouvir música**. Se esta necessita de um intérprete para chegar ao auditório, que esse intérprete seja um veículo honesto e sincero. Se a platéia chegar a abstrair-se do virtuoso presente para comungar diretamente com a obra, prestará ao executante a maior homenagem a que pode aspirar um artista.

— Mas, infelizmente, a personalidade do pianista sempre influíu sobre o público... Lembre-se do caso recente de Brailowsky...

— “Sem dúvida o pianista não pode deixar de ter a sua personalidade. Todo artista a tem. E tem também o direito de a deixar patente. A diversidade de interpretações que daí resultam é um dos aspectos atraentes da atividade artística e um motivo de vitalidade para a obra musical. Mas daí a sobrepor-se à obra vai uma grande distância. Ninguém vai ao culto religioso para admirar a “allure” do sacerdote. O que reclamamos é uma seriedade no culto da arte, a que esta tem direito. Correr a uma sala para delirar com o “dô” de peito do tenor ou com as acrobacias de um virtuoso é menosprezar ou ignorar essa alta manifestação do espírito a que chamamos Arte”.

— Esses pensamentos sutis fazem parte de uma dialética irresponsável.

Deve haver, contudo, certa compreensão

entre o artista e a platéia, dissemos nós para embarçar:

— “Sim. Para que uma platéia compreenda um artista e para que um artista se comunique com a platéia é necessária a vontade mútua. Nem tudo se compreende sem esforço. Mas a recompensa vale muitas vezes o esforço dispendido. Nem tudo na arte é nítido, direto, aberto. A criação artística se manifesta muitas vezes por forma sutil. Não descreve, sugere. Prefere as **nuances** aos contrastes berrantes. Para os espíritos primários essas manifestações são menos acessíveis. Para as inteligências preguiçosas, são um véu impenetrável. Mas o mistério tem encantos para quem sente prazer em desvendá-los. As obras-primas da música, penso eu, não são as que se entregam a todos, ao primeiro contacto, mas sim as que exigem do público aquele esforço e vontade de compreensão a que me referi acima. Não quero dizer que as obras de brilho mais exterior devam ser rigorosamente banidas, pois muitas delas apresentam qualidades que lhes dão direito à nossa estima. Contanto que não ocupem nos programas o lugar primordial que não lhes cabe de direito”.

Está-se vendo por estas respostas que nos achamos na presença de um artista de escol, de sólida cultura e que muito nos honrará nos Estados Unidos da América.

Arnaldo Estrella representará, pois, a verdadeira Arte, a que eleva a alma e faz pensar. Não deixa de ser uma glória para nós, que “nos ufanamos do nosso país”.

(Do “Correio da Manhã”, Rio, 28-6-42).

O PRÓXIMO NÚMERO DE “RESENHA MUSICAL” É ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

Edições Novas

Clovis de OLIVEIRA

Edições da Ricordi Americana
(Filial de São Paulo):

A Ricordi Americana, filial de S. Paulo, apresenta ao mundo musical nosso, as seguintes obras, que comentamos abaixo separadamente, todas oportunas e de muito valor, tanto pelo mone dos que as subscreveram como pelo fim a que se destinam:

CURSO DE LEITURA RITMICA MUSICAL
— com Análises — 3.º Livro — 1.ª Parte — Samuel Archanjo.

Quem no Brasil que, dedicando-se ao estudo ou à pedagogia musical, não conhece o nome de Samuel Archanjo? É o nome de um dos professores brasileiros que tem se devotado com mais ardor ao ensino da música. Suas obras estão divulgadas aos milhares por todas as casas de ensino do Brasil e, também, no estrangeiro, porque são excelentes sob o ponto de vista didático e metodológico.

Agora volta o prof. Samuel Archanjo suas vistas para o aperfeiçoamento do ensino da disciplina que ministra com tanto desvelo. Assim é que permitiu a publicação da 1.ª parte do 3.º Livro, do Curso de Leitura Rítmica Musical com Análises, destinado a leitura difícil, abordando o ritmo da música contemporânea.

O que se fez até hoje nesse setor do ensino, foi lacunoso porque sempre os autores se limitaram a seguir, uns aos outros, a mesma rotina. Lições sempre sobre os mesmos problemas,

nada de original, nada de novo portanto. Falta, pois o que este ilustre professor, com a sua madura experiência acaba de completar abordando sob uma feição inteiramente nova a leitura rítmica, o ritmo da música contemporânea em seu recente trabalho. Incluiu nessa 1.ª Parte de seu 3.º livro, lições sob os mais variados ritmos e andamentos, todas com marcações metronômicas, notas explicativas, merecendo destaque os estudos de ritmos brasileiros, variações sobre o Samba e Tango Brasileiro, e exercícios que, pela sua grafia, são problemas para a leitura.

Como nos 1.º e 2.º livros, este também traz sob cada exercício, a análise respectiva que é uma súmula de cada um deles, ao mesmo tempo, um lembrete para professores e alunos.

Mais uma obra de grande valor que incorpora-se ao patrimônio pedagógico brasileiro firmando definitivamente o seu autor como uma das maiores autoridades no assunto.

CAMINHOS DO CORAÇÃO — Fabiano
R. Lozano

Muito acertado chamar-se "Caminhos do Coração", esta coletânea de 10 canções, porque cada uma delas leva de fato ao coração o que ha de verdadeiramente sensível e nobre, são caminhos dourados que permitem aos que os palmilham atingir o páramo dos mais belos sentimentos.

Antecipa cada uma das canções um conto o que as torna mais sugestivas e interessantes.

DR. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 horas
R. João Bricola, 46 - 5.º - s. 534-535
Fone: 2-3314

Prof. Samuel Archanjo dos Santos

Piano — Harmônia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba, 830
Fone 5-1434 — São Paulo

Lamentamos apenas que estas canções se destinem às crianças (assistimos a 1.^a execução delas, sob a direção do autor, em audição especial, pelo orfeão de crianças do curso primário da Capital) das escolas. Sim, lamentamos porque ha nelas um lado antipedagógico que as prejudica. É a tristeza que as caracteriza.

Como sabemos as crianças são por natureza alegres, ora, dar-lhes para cantar uma linda canção triste, é oprimir a sua graça tão docil e bizarra, é contrariar-lhes a vida. Este assunto, desejo em futuro abordar. Mas, pondo de lado o fator citado, estas 10 canções são das mais elaboradas pelo seu autor. Podem ser cantadas por qualquer orfeão juvenil com muito êxito.

COMPÊNDIO DE HARMONIA — S. Benedictis

Do conhecido pedagogo Savino de Benedictis, mestre consumado, autor de várias obras didáticas e inspirado compositor, o valioso trabalho intitulado "Compêndio de Harmonia" que ora comentamos. Dedicado aos cursos complementares e outros institutos de música, ele satisfaz as exigências do ensino pela clareza da matéria, coordenação das dificuldades, tudo de modo a facilitar a compreensão dos estudantes e orientar os mestres menos avisados, dando-lhes não só um compêndio, como um programa de ensino, onde ha em cada descrição, exemplos, matéria a dar. Cremos que os professores dessa disciplina deviam possuir este compêndio afim de terem em suas mãos a qualquer momento um guia precioso para as suas aulas.

EDIÇÕES "A MELODIA" — São Paulo:

**Banzo — As Flores —
Quatro Canções Tupis**

Frederico De CHIARA

Apreciaremos neste pequeno espaço com que contamos três produções recentes do professor Frederico De Chiara, cuja atividade no campo musical de ha tempos se faz notar pela assiduidade quer como professor, quer como compositor. Naquele mister, atuando compe-

tentemente no Conservatório D. e Musical de São Paulo e na Escola "Caetano de Campos". Em ambos setores de sua vida artística F. De Chiara vem se impondo com mérito. As suas últimas publicações são provas cabais do que escrevemos. "BANZO", p. côro misto, letra de Almeida Cousin, assunto e ritmo afro-brasílicos. "AS FLORES" dramatização e música, adaptação da história "Concílio das Flores", letra de Ameir, devida em quatro partes ou peças: As flores acordando, Bailado da Borboleta, Canto da Borboleta e Côro das Abelhas. Para uso das escolas pré-primárias e primárias. É em conjunto uma obra interessante, utilizavel por qualquer professor em suas classes porque despertam o gosto pela música e pelo canto. "QUATRO CANÇÕES TUPIS", sobre poemas do Pe. Anchieta, executadas pelo orfeão da Escola "Caetano de Campos", ilustrando a conferência que o poeta Oliveira Ribeiro Neto, pronunciou em 1941, sobre o tema: "A Poesia de Anchieta". Sob as denominações "Pelo sinal da Cruz", "Ave Maria", "Oração" e "Cantiga", estas canções formam uma tetradre formosa onde a força da expressão cobre a delicadeza da música.

EDIÇÃO D. APPLETON-CENTURY CO., NEW YORK: — THE PIANIST

O fim principal de uma edição musical, principalmente quando luxuosa, deve ser a clareza em todos os pormenores. Esta rica coleção, a qual comentamos é preciosíssima. Antes de cada obra está o retrato do seu autor ou um quadro que dá o motivo da obra ou que mostra onde ou quando a mesma foi composta. Após vem os detalhes bio-bibliográficos, a interpretação e a maneira técnica para a sua execução. A música graficamente magnífica, traz uma revisão ótima tanto quanto a elevada interpretação quanto à simples dedilhação.

É pena que esta obra não tenha tido ainda a conveniente divulgação entre os amantes da música para piano em nosso país, porque ela é como que uma bíblia do pianista, ensinando-lhes o caminho — o caminho da verdade musical.

CONCERTOS

RECITAL DE AUBREY PANKEY EM 3-7-42 — A Sociedade de Cultura Artística proporcionou a exigente platéia paulistana, inesquecível e rara oportunidade de ouvir o barítono A. Pankey.

Não são frequentes as ocasiões em que temos a oportunidade de ouvir um barítono, que tão bem impressionasse o público.

Nasceu ele em Pittsburg, sem recursos, e, órfão logo aos 15 anos, trabalhava em qualquer serviço; porteiro, chofer, ascensorista etc. sendo porém unicamente para a música a sua tendência.

Lendo música à primeira vista, e com extraordinária facilidade, conquistou rapidamente o posto de 1.º solista no coro do Instituto Hampton, em Virgínia, onde fôra estudar engenharia.

O diretor do Instituto tomou-o sob sua proteção e o tenor negro Rowland Hayes fez com que Pankey se dedicasse inteiramente ao estudo do canto e da música.

O jovem cantor terminando em Hampton os seus estudos, decidiu continuar os de música no Conservatório de Oberlin.

Pobre ainda, dedicou-se com esforço imenso, paralelamente com os estudos, aos mais variados mistérios.

Diplomando-se ali, esteve na Universidade de Boston, e nos Estúdios Hubard.

Em 1930, se dirigiu à Europa afim de aperfeiçoar seus estudos de canto. Ao contrário do que esperava, permaneceu ali 9 anos tendo tomado lições com Teo Lierhammer e Leo Rosenak, cursando o Novo Conservatório de Viena e estudando em Paris com Oscar Daniel e Charles Panzera.

Depois do seu 1.º concêrto em Viena, em 1932, suas exibições foram-se constituindo numa cadeia ininterrupta de sucessos.

Transcrevendo aqui esta curta biografia, vemos com que extraordinário esforço, vencendo preconceitos arraigados, impondo seu valor incontestável, venceu na vida.

Apresentou-nos um programa seletivo, constando de autores, italianos, alemães, ingleses, franceses, americanos e canções de autores negros americanos.

Pankey possui voz de timbre suave, porém potente, ótima dicção sabendo com grande perícia contornar todas as dificuldades a vencer.

Artur Melo Godói

CONCÊRTO DE MÚSICA DE CAMERA EM 15-7-42 — Mais um belo triunfo alcançou o Quarteto Haydn, ao apresentar-nos o Quarteto em si bemól, n.º 458, de Mozart, e o Quarteto em ré, de Borodine.

Devemos salientar aqui, a esplêndida marcação conseguida em ambas as peças, e que se no Minueto deixou muito a desejar, no Adágio chegou mesmo a perfeição. Corazza mais uma vez teve ocasião de demonstrar uma técnica rigorosa. Não menos brilhante foi a atuação de Zlatopolski, cuja interpretação primou pela fidelidade — virtude de primordial importância em conjuntos dessa natureza.

A segunda parte do programa esteve a cargo do Coral Paulistano que se distinguiu em "Mocinhos de San Boi" de A. Moya, "Dom João e Dom Romão" de F. Pedrell, e no arranjo de V. Lobos, "Macumba".

Artur Melo Godói

MADALENA TAGLIAFERRO — Em recital para os sócios da Cultura Artística, apresentou-se a 4 de agosto, a ilustre pianista Madalena Tagliaferro.

A insigne pianista patenteou aquelas preciosas qualidades que a notabilizaram. Seu "toucher" fino, capacidade de nuançar com admirável facilidade, a dosagem de seus fortes, o equilíbrio enfim de sua execução, aliados a sua exuberante musicalidade encantou a numerosa assistência que lotava o Municipal.

Dos números de seu programa, com dificuldade, destacaremos a execução da "sonatina" de R. Hahn, um modelo de finura e de perfeição; a grande obra de César Franck, Prelúdio, Aria e Final, cuja interpretação foi uma robusta dinâmica e linha clássica; a delicadíssima "Toada Triste", de Camargo Guarnieri, recebeu dos dedos da notável artista o tratamento digno que merece. O seu ritmo suavemente marcado corrobora com a linha temática colorida de paixão. Foi um doce enlévo, foi a nota doce e brasileira da esplêndida seleção de obras interpretadas. Finalmente as obras de Debussy, que Madalena Tagliaferro, executa sempre com incomparável maestria.

Mas, o final, mesmo, foi a execução de inúmeros extras que a insigne artista foi obrigada a executar atendendo aos aplausos unânimes da grande assistência.

C. de O.

CONCÉRTO SINFÔNICO SOB A REGÊNCIA DO MAESTRO ARMANDO BELARDI — **SOLISTA FRITZ JANK** — A 12 de agosto, o Municipal reuniu uma compacta assistência que com muito interesse ouviu a execução de um magnífico programa no qual figuravam a Sinfonia Fantástica op. 14, de Berlioz; Concérto op. 83, n.º 2, p. piano e orquestra de Brahms e a 1.ª Rapsódia Brasileira de S. de Benedictis.

Justificado interesse que teve como a retribui-lo a expansão musical do regente Armando Belardi, que esforça-se por apresentar ricas obras da literatura musical. Também Fritz Jank que conhecemos de sobejo e que ouvimos com respeito, brindou a platéia com uma execução impecável do Concérto de Brahms, onde a sua musicalidade e técnica, exuberaram-se com fulgurância.

É um artista de méritos admiráveis, cultuador de todas as modalidades pianísticas, quer como acompanhador, quer como solista, sempre emérito e brilhante.

O D. M. de C., com este concérto juntou à suas enumeráveis realizações, mais uma valiosa contribuição para a cultura musical de São Paulo.

C. de O.

A. LÍRICO-MUSICAL BRASILEIRA — No dia 6 de agosto, o Centro do Professorado Paulista realizou um concérto lírico, com a valiosa colaboração da Assoc. Lírico-Musical Brasileira.

Cumpram assim este Centro, uma das principais finalidades dos seus estatutos, o desenvolvimento da cultura artística dos seus associados.

Iniciou-se a apresentação, com o soprano Izabel Bertazzoni que cantou a "Ballada" do O Guarani. Ouvimo-la a seguir, com o baixo L. Cavinato no dueto do 3.º ato da mesma ópera. São duas vozes agradáveis, que se combinam perfeitamente.

A Sta. Marta Schulz e o tenor J. Lavorato interpretaram, logo depois, o dueto final da Aida.

Outra boa voz que tivemos oportunidade de conhecer foi a da Sra. E. Vieste, na famosa valsa de Arditi "O beijo" e na "Valsa de Musetta" da Bohème.

Com "O Trovador" de Verdi findou de maneira brilhante este interessantíssimo programa.

A. M. Godói

SOUZA LIMA E TABACOW — A 20 de Agosto, o Departamento Municipal de Cultura

promoveu mais um dos seus importantes concertos sinfônicos, desta vez sob a regência do maestro Souza Lima, colaborando no programa o pianista Adolfo Tabacow.

Numeroso público acorreu ao Municipal a fim de revêr ambos artistas por ele muito estimados. Souza Lima reapareceu glorificado por uma ausência relativamente longa, durante a qual colheu os melhores elogios e aplausos da crítica e do público pernambucanos, e, Tabacow, depois de brilhante atuação no concurso "Columbia Concerts", realizado no Rio de Janeiro. Muito justificados aplausos os acolheram, portanto.

No programa, figurou entre outras obras, Prelúdio do III Ato da opera "Tiradentes", do compositor e regente patricio Eleazar de Carvalho. A referida obra, teve uma apurada execução e muito agradou.

O ponto culminante do programa foi, pelo interesse que despertou, o Concerto em si bemol menor, de Tchaikowski, para piano e orquestra. O solista Tabacow, pianista vigoroso, dono de uma mecânica admirável com a qual realça e ornamenta com precisão as obras que executa. Seus fortes ou os seus planos, velocidade ou calma, Tabacow realiza excelentemente. De modo inegável, o terceiro tempo foi o mais bem realizado, porém, dentro de um inteligente equilíbrio com os demais. Bisado insistentemente, executou vários extras.

Souza Lima com a orquestra do Municipal coadjuvaram com brilho o jovem e consagrado pianista brasileiro.

C. O.

RECITAL DE MADALENA TAGLIAFERRO PARA A SOC. DE CULTURA ARTÍSTICA EM 18-8-42 — Este seu 2.º concerto alcançou pleno êxito — fato digno de registro, porque, se a exímia pianista incontestavelmente o merecia, o público, entretanto, não podia de modo algum estar com o espirito preparado, nesse dia de gravíssimas apreensões, para o Brasil inteiro.

Coisa admirável! Somente uma arte divina como a música, lograria realizar tão maravilhoso milagre. Não conseguiu, porém, sem a extraordinária contribuição de uma Madalena Tagliaferro.

A artista arrebatou os ouvintes que, insaciáveis, pretendiam prolongar indefinidamente o espetáculo, permanecendo imóveis em seus lugares após vários extras, e redobrando cada vez mais os seus aplausos. É que durante todo o tempo receberam aquelas notas como um bálsamo e uma nova fonte de energias.

Cuidadosamente elaborado, o programa continha peças de alto valor pianístico, como sejam: Fantasia em Fuga, fá menor-Bach-List, Sonata Op. 31, ré menor-Beethoven, Romance de Schumann, etc. Notamos que, por vezes, com prejuizo da parte melódica, predomina em M. Tagliaferro o rigor da técnica.

Apresentou-nos ainda em soberba interpretação, composições de Fr. Mignone, L. Fernandes, Ravel Fauré, Albeniz, Debussy, Chopin, etc.

CONCERTOS REALIZADOS — Duo Mirela Vita — H. J. Koellreutter, com a colaboração de H. Mueller (viola) e V. Kohlschutter (violoncelo), a 8 de julho, no recinto da exposição do pintor Errico Bianco; Noite de Arte, a 15 de julho, no auditório da Escola Normal "Caetano de Campos", com a participação das pianistas Noémia Costa e Haidée Paiva, cantores Armando Assis Pacheco, E. Sandoli, Sra. Diana Marques, e outros; da Sociedade Bach, de São Paulo, com o concurso de H. J. Koellreutter (flauta), E. Kovach (violino) e T. Braunwieser (piano), a 16 de julho; da Sociedade Cultura Artística, apresentando a Companhia Francesa do "Theatre Louis Jouvet", de Paris, na praça em três atos de Margaret Kennedy e Basil Dean, intitulada "Tessa" ou "La nymphe au coeur fidèle", a 28 de julho; grande concerto sinfônico sob a regência do maestro Camargo Guarnieri, para o Departamento Municipal de Cultura; recital do tenor português Jovelino Silva, a 13 de agosto.



USAI
NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,
CAVAQUINHOS,
BANDOLINS,
E GUITARRAS

AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

•
J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFACIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41
Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92
Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO

DE
ESPECIALIDADES
EM

MARZIPAN
E
Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40
Fone 2-2336 — S. PAULO
RUA FREI GASPAR N.º 39
Fone 4-476 — SANTOS

O

BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:
Rua B. de Jaguara, 980 — Tel. 3-7214

Agência:
Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo
R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:
R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR
Fone: 22-9054